

Por uma psicologia que se diz social

contemporaneidade tecnologia e subjetividades

Deise Juliana Francisco

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

FRANCISCO, DJ. Por uma psicología que se diz social: contemporaneidade, tecnologia e subjetividades. In RIVERO, NEE., org. *Psicologia social: estratégias, políticas e implicações* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. pp. 96-102. ISBN: 978-85-9966-286-1. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Por uma Psicologia que se diz social: contemporaneidade, tecnologia e subjetividades

Deise Juliana Francisco

Me vejo no que vejo
Como entrar por meus olhos
Em um olho mais límpido

Me olha o que eu olho
É minha criação
Isto que vejo

Perceber é conceber
Águas de pensamentos
Sou a criatura
Do que vejo

O presente escrito tem seu motivo advindo da coordenação de um grupo de pesquisadores que traziam suas contribuições a um Grupo de Trabalho da ABRAPSO-SUL, realizado em Santa Maria/RS. Grupo composto por diversos olhares-fazerem em Psicologia dita social.

Não trago a pretensão de enunciar a voz da maioria do grupo, nem da minoria neste escrito. Relatar o ocorrido, nem ao menos isso. Trazer apanhados gerais, nem tanto. O que trago aqui são as marcas que o encontro deixou enlaçadas em mim com os ditos, com as sensações e os pensares daquele momento. “É minha criação, isto que vejo”.

Os trabalhos apresentados passaram pelas temáticas da representação social, trabalho comunitário, informática educativa, enlaçadas pelas questões do trabalho. De alguma forma circundamos a questão das formas de subjetivação que estão em conjugação na contemporaneidade. Articulado a isto, a discussão sobre a implicação do fazer em Psicologia Social por parte dos/as psi e a pergunta sobre o que há de social na Psicologia Social se as pesquisas estão dentro dos muros acadêmicos. Assim, construiu-se uma crítica à produção acadêmica gestada e veiculada puramente em meio acadêmico, com uma única saída tímida tal qual um escorregão a campo (comunidade, sujeito de pesquisa), momento em que os dados serão coletados para posterior exame/diagnóstico.

Alguns caminhos foram apontados como saída desta situação como, por exemplo, o deslocamento tanto geográfico quanto conceitual da academia para a “sociedade”. Apontou-se a necessidade de contato com outras áreas do saber, inclusive com o pensar sobre as fronteiras das disciplinas e com a realização de trabalhos que desloquem o lugar da pesquisa enquanto reflexão apartada da prática social. Neste sentido, partilhamos enquanto grupo dos incômodos que historicamente a Psicologia Social têm se defrontado: relação academia/sujeitos sociais; relação teoria/prática; produção voltada para o social. Tais dicotomias marcam o lugar da produção histórico-social dos conceitos além de construir lugares para os sujeitos: “sou a criatura do que vejo”.

Ao pensar no social, alguns elementos se fazem presentes na memória: organização, indivíduo, sociedade, comunidade, Estado, capitalismo, globalização, tecnologia. Tais elementos são construções, com isso quero dizer que não entendo o social enquanto evidência, algo próprio/intrínseco dos agrupamentos humanos, mas sim enquanto uma emergência histórica, relacionada a um sistema de regulações e de práticas específicas de cada sociedade (Silva, 1999). Tais formações sociais produzem territórios existenciais, encharcados de desejo. O social, assim, é o produto dos investimentos do desejo que atravessam uma determinada formação histórica.

Pensar em sujeito é pensar em sociedade, em modos de subjetivação dominantes; é pensar em produção: produtor/produzir/produto... produção de verdades. E nas relações de força presentes nesta produção de saber, nas práticas de poder que aí são gestadas, são admitidas práticas, sentires, pensares, tidas como aceitáveis ou inaceitáveis. E é sobre estes limites que trabalhamos, com a subjetividade contemporânea, como aponta Pelbart (2000, p. 13),

sob o signo desta tríplice determinação: a forma-homem historicamente esculpida, as múltiplas forças que batem à porta e põem em xeque essa mesma forma-homem, e a idéia do experimentados de si mesmo.

Assim, amplificar os pensares habituais da Psicologia Social, jogarmo-nos no campo da produção de verdades, é um caminho viável para a Psicologia dita Social, na busca de traçar alguns caminhos possíveis de mudança no olhar, no navegar... “Águas de pensamentos”...

Virilio é um pensador francês que se debruça sobre a cultura, fazendo um levantamento das tendências contemporâneas presentes na constituição das subjetividades. Suas discussões podem parecer anacrônicas, pois que tratam de fatos oriundos do período da Guerra Fria, porém, ao falarmos de tendências tais fatos tomam uma dimensão outra, sendo indicativos de algumas formas de organização humanas neste século. Neste sentido, apontam-se os tipos de relacionamento social que as tecnologias engendram relacionados com os sistemas de regulação sociais.

Podemos ter um desenho de algumas destas transformações pelo uso de formas de organização do social. Por exemplo, mudamos a cena social quando da passagem do uso da tática (arte de caçar) para a estratégia (como se defender e atacar) e daí para a logística (preponderância dos meios, um sistema de vetores que comportam diversas instâncias da vida social-produção, transportes, etc.). Esta última – logística – entra no campo social dissuadindo as relações, minando a economia civil (que investe agora em proteção, ou melhor, no desenvolvimento de armas), detonando a política (pois não há tempo para a reflexão e do encontro coletivo na hora H de decidir pelo lançamento da bomba), confundindo e descentrando homens e mulheres, colocando a responsabilidade sobre os ombros de quem sabe e de quem defende: a lógica militar.

Aqui se engendram modos de produzir, relacionar-se, fazer política, relacionar-se com a morte hibridizados com as formas tecnológicas compostas.

Muitas vezes, enquanto psicólogos e psicólogas, não nos damos conta do quanto a subjetividade está inscrita no social, incluindo aí, as tecnologias. Estas são naturalizadas, concebidas enquanto técnica “pura”, dependente dos usos que podem ser feitos dela. A proposta de Virilio frente a isto é encarar o enigma da tecnologia, tendo consciência de que não controlamos o que produzimos e que, pela lógica pragmática, afastamos a produção da reflexão. Nisto constitui-se o trabalho epistemo-técnico. Assim, não há instrumento neutro, nem tecnologia, nem ciência, nem sujeito. Nem objetividade nem subjetividade.

Questões complexas para o campo psi que hegemonicamente se constituiu enquanto campo de intervenção e produção de indivíduos, imersos

em uma relação bi-pessoal: “quer falar de você para mim?” Esta interrogação de Cyro Martins demarca bem a prática individualista da Psicologia.

A Psicologia Social Comunitária, com seu percurso de intervenção comunitária há muito se debate com tais concepções, na medida em que se articula com outros saberes e demandas. Com outros mundos, que muitas vezes interpelamos se é, efetivamente, um mundo psi. E o convite de tal prática é efetivamente este: suspender o “serpsi” em nome do devir-qualquer-coisa, nos fluxos de uma psicologia que se diz social.

Voltando a ampliar o escopo. Um dos atravessamentos em nosso cotidiano é a velocidade. Esta é um índice a partir do qual podemos dimensionar as relações sociais, pois regula as relações, acelera o movimento, destituindo o tempo da sociedade de Bem-Estar para a sociedade da instantaneidade, do gozo do momento.

Na relação com a política, Virílio explícita a transpolítica, não mais a política da reflexão, mas a da instantaneidade, quando da automação da máquina-deguerra e a cronopolítica, a distribuição do tempo e não mais do território. No campo da sociedade, a dromocracia, sociedade regida pela lógica da corrida. No espaço, a cronografia, não mais a geografia do espaço, mas a do tempo. Na economia, a eco-logística, o direcionamento da economia à produção de destruição, com o decorrente não-desenvolvimento da economia civil.

Esta “constatação” parte da presença da aceleração do tempo desde as máquinas de guerra (de canhões, a armas, a metralhadoras, a mísseis,...) aos artefatos do cinema (câmeras,...).

A velocidade está ligada à riqueza e ao poder, no momento em que o mais veloz tem maiores condições de adquirir riqueza. Além disso, quanto mais se torna veloz, mais acelerado, mais violento e mais inconsciente – esta é a face dromoscópica, da velocidade que causa o desaparecimento das formas. O movimento da velocidade chega a uma aceleração tal que acaba por exterminar o próprio tempo, instaurando uma ditadura do movimento, do impensado, do deslocamento zero na velocidade, com a inércia polar.

A política, então, se afastou de seu papel regulador, banuiu de si a morte e a sociedade perdeu, desta forma, seu regulador: o míssil faz tudo sozinho, a dromocracia toma conta e a cidade é deslocada para o tempo,

tempo de não pensar, de agir automaticamente, instantaneamente, reduzindo o mundo a um único lugar indistinto (pois que quando andamos rapidamente – de carro ou de avião, por exemplo – não percebemos nada, a não ser um território cinza, não é?).

Neste cenário, o que teríamos a fazer? A inércia total é uma saída. Mas há outras possíveis. Virílio aponta o trabalho epistemo-técnico, em que a surpresa tecnológica e científica é a essência da resistência. É preciso que nos perguntemos a respeito da velocidade, que a politizemos: O problema não é usar a tecnologia mas compreender que se é usado por ela. Portanto, não se tratava de usar instrumentos tecnológicos, fossem eles o que fossem – televisão, rádio livre, etc. – mas de trabalhar a essência da tecnologia em suas relações com o político (Virílio, 1984, p. 78).

Ampliando o escopo, podemos inserir a idéia de que as armas, instrumentos tecnológicos, são instrumentos de percepção, ou seja, estimulantes que provocam fenômenos químicos e neurológicos sobre órgãos do sentido e o sistema nervoso central, afetando as reações e a identificação e diferenciação dos objetos percebidos (Virílio, 1993, p. 12). Em certo ponto do texto, o autor se pergunta se a lógica da artilharia não seria a mesma do cinema: o que é iluminado é revelado (idem, 1993, p. 29). Para situar esta pergunta é necessário assinalar que o início das máquinas de visão (cinema, por exemplo) esteve atrelado a seu uso nas equipes de determinação do campo de guerra – os chamados aviões de reconhecimento. Ou seja, estas máquinas serviam como um olho que demarca, que mostra, que revela o campo para o confronto, e que, para além disso, transforma o campo com a possibilidade de congelar o tempo e deflagrar o instante. Com o passar do tempo, foi-se tornando o que demarcava onde atirar (metralhadoras que eram colocadas nas asas dos aviões acopladas a câmeras de filmagem). As próprias tecnologias cinematográficas foram desenvolvimentos realizados a partir de revólveres: a câmera cinematográfica foi precedida pelo fuzil cronofotográfico de Marey e pela metralhadora de Gatling, e no revólver de Colt. A lógica da imagem, da comunicação icônica imiscuiu-se na lógica da guerra, a partir da qual surgiu. Tal qual Dziga Vertov afirmou:

Sou um olho. Um olho mecânico. Eu, a máquina, mostro-vos o mundo de um modo como só eu posso vê-la. Liberto-me hoje e para sempre da imobilidade humana. Estou em constante movimento.

Aproximo-me e afasto-me dos objetos. Rastejo debaixo deles. Movo-me colado à boca de um cavalo a correr. Caio e levanto-me juntamente com corpos que caem e se levantam. Isto sou eu, a máquina, manobrando entre movimentos caóticos, registrando um movimento após o outro, nas combinações mais complexas. Liberto dos limites de tempo e de espaço, coordeno cada um e todos os pontos do Universo, onde quer que eu queira que eles se encontrem. O meu caminho conduz à criação duma nova percepção do mundo. Assim explico, de uma nova forma, o mundo por vós ignorado. (1923, apud Virilio, 1993)

Se as tecnologias conformam o olhar e são por ele conformados, o interessante do trabalho é, pois, o de adentrar esta hibridização, compor um campo de implicação que está para além do desenho de um território, pois desenhos trabalham com linhas mais ou menos densas, escuras, trabalham com claro e escuro. A constituição de uma cartografia é como a captura de campos de intensidades, campo recortado por quem o faz, por quem o constrói, recorte de máquinas, olhar constituído por intensidades.

As tecnologias, desde este ponto de vista, constituem a ecologia cognitiva, em que não determinam nada. Resultam de longas cadeias inter cruzadas de interpretações e requerem, elas mesmas, que sejam interpretadas, conduzidas para novos devires pela subjetividade em atos dos grupos ou dos indivíduos que tomam posse dela (Lévy, 1995, p.186). Tecnologias que se articulam com o sistema cognitivo, que moldam as idéias que temos e, além de adentrar e engendrar modos de conhecer, engendram modos de ser, de conviver, a partir do contexto em que este se dá.

Social constituído através das tecnologias construídas historicamente. Através de saberes construídos historicamente. Através de percepções construídas historicamente. Através de uma Psicologia Social construída historicamente.

Assim, deixo uma questão apontada por Nilza Silva sobre a escolha de ser psicólogo/a:

A psicologia ocidental hegemônica, no século XIX, padece de uma preocupação comum a várias ciências: desvelar a verdade do ser humano, inserindo-o nas leis que regem os fenômenos naturais. Sob a tirania da verdade necessária, o psicólogo se transforma num narrador da realidade, desinvestindo sua responsabilidade e seu

compromisso no processo de produção do mundo. Este modelo de psicologia torna-se um arrançamento autoritário, no qual a verdade é desvelada e manejada por poucos para o acatamento de muitos. ([http:// gama. urisan. tche. br / -psicologia/eventos/dasescolhas.htm](http://gama.urisan.tche.br/-psicologia/eventos/dasescolhas.htm))

Referências Bibliográficas

LÉVY, Pierre. As tecnologias da inteligência. São Paulo: Ed. 34,1995.

PELBART, Peter Pál. A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea. São Paulo: Editora Iluminuras, 2000.

SILVA, Nilza. Das escolhas. Disponível em [http:// gama. urisan. tche. br / -psicologia / eventos / dasescolhas.htm](http://gama.urisan.tche.br/-psicologia/eventos/dasescolhas.htm), capturado em 20 de março de 2001.

VIRILIO, Paul. Guerra e cinema. São Paulo: Editora Página Aberta, 1993.

_____; LOTRINGER, Sylvere. Guerra Pura: a militarização do cotidiano. São Paulo: Brasiliense, 1984.